

LUÍS MAURO SÁ MARTINO

DA TEORIA À METODOLOGIA: UM ENSAIO SOBRE A ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO¹

*DE LA TEORIA A LA METODOLOGIA: UN
ENSAYO SOBRE LA ELABORACIÓN DE PROYECTOS
EN COMUNICACIÓN*

*THEORY TO METHODOLOGY:
AN ESSAY ON COMMUNICATION RESEARCH
PROJECTS*

Recebido em: 1 nov. 2016

Aceito em: 30 nov. 2016

¹ Este texto se insere no Projeto de Pesquisa “Genealogia dos Conceitos na(s) Teoria(s) da Comunicação”, realizado pelo Grupo de Pesquisa Teorias e Processos da Comunicação, sediado no PPGCom da Faculdade Cásper Líbero. Agradeço à Profa. Dra. Angela C. S. Marques (UFMG) e ao Prof. Ms. José Geraldo Oliveira (UniFIAMFAAM) pelas discussões que, em momentos diferentes, originaram este texto.

Luís Mauro Sá Martino: Faculdade Cásper Líbero (São Paulo-SP, Brasil)
Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP.

Contato: lmsmartino@casperlibero.edu.br

ISSN (2236-8000)

autor convidado

RESUMO

Este ensaio delinea algumas questões epistemológicas presentes na elaboração de Projetos de Pesquisa em Comunicação. O texto é uma aproximação inicial no sentido de compartilhar e debater questões recorrentes nas práticas de orientação de pesquisa articuladas com uma leitura epistemológica sobre problemas da pesquisa em Comunicação. O texto desenvolve três questões: (1) os usos e lugares das Teorias da Comunicação nos projetos de pesquisa; (2) o problema disciplinar da “Metodologia” (3) as vinculações de um projeto à Comunicação. Esses elementos são pensados a partir dos debates epistemológicos da Área.

PALAVRAS-CHAVES: Teoria da Comunicação. Epistemologia. Projetos de Pesquisa. Ensino.

RESUMEN

Este texto es una tentativa de sistematizar, compartir y discutir temas presentes en la dirección de pesquisas que, además de las cuestiones formales, surgen como problemas epistemológicos. El texto gira en torno a tres cuestiones: (1) el lugar de la “teoría” en proyectos de investigación; (2) los límites de lo que es la investigación en comunicación y (3) el ejercicio de estas cuestiones en la preparación de propuestas de trabajo. Estos elementos están diseñados desde el área de los debates epistemológicos.

PALABRAS-CHAVES: Teoría de la Comunicación. Epistemología. Proyectos de Investigación. Enseñanza.

ABSTRACT

Every research project is grounded on epistemological assumptions upon which it is built. Although not always brought to the fore, these notions create the mindframe that directs what is to be researched and, mildly, what is going to be found. This essay outlines some epistemological problems as they arise from the experience of research supervision. It addresses three questions: (1) the uses and places of ‘theory’; (2) the research methods as discipline and (3) the boundaries of a ‘communication’ research. These elements are framed on current Communication Research debates.

KEYWORDS: Communication Theory. Epistemology. Research Projects. Teaching.

INTRODUÇÃO

Este texto delinea questões teóricas e práticas encontradas na elaboração de projetos de pesquisa em Comunicação. Trata-se de um ensaio no sentido estrito da palavra, como esboço ou tentativa – no caso, de sistematizar situações recorrentes na orientação de pesquisas, da iniciação científica ao pós-doutorado. Não é, portanto, um artigo científico oriundo de pesquisa rigorosa, mas um ato de caminhar do pensamento que acompanha a ação. O texto nasce de uma experiência prática entre outras possíveis, sem pretensões a ser mais do que isso. A expectativa é de encontrar ecos para construir, no diálogo, outros caminhos.

A elaboração de Projetos de Pesquisa em Comunicação como, em várias áreas do saber, levanta problemas de várias ordens. Uma das mais comuns é a preocupação com a formatação do trabalho, resumida na expressão imprecisa, mas não menos sintomática, de “como colocar nas normas da ABNT” (Silva, 2013).

Superada essa parte, chega-se aos problemas de criar um Projeto de Pesquisa. Nesse momento, questões de ordem conceitual e metodológica vem à tona na forma de decisões que a pesquisadora ou o estudante devem tomar para definir sua pesquisa (LUNA, 2011).

Toda pesquisa é, de certa maneira, um microcosmos das questões em circulação na Área. Ao elaborar um projeto, cada pesquisador se defronta, direta ou indiretamente, com discussões básicas da Área: O que é comunicação? Quais os objetos de estudo da Área? Quais autoras e autores posso ou devo consultar? Como “aplicar” essas teorias? Evidentemente nem todas as pesquisas colocam essas questões explicitamente. No entanto, cada escolha na escrita de um projeto revela a resposta.

Assim, pensar os projetos de pesquisa pode auxiliar a compreender alguns problemas da Epistemologia da Comunicação. O texto se desenvolve em torno de três eixos: (1) o lugar da “teoria” nos projetos de pesquisa; (2) as fronteiras do que é uma pesquisa em Comunicação e (3) a manifestação dessas questões na elaboração de propostas de trabalho. Duas temáticas próximas, por uma questão de recorte, serão deixadas de lado: as condições de produção de pesquisa na Área e os problemas particulares da escrita acadêmica, problematizados em outros momentos (Ferreira, 2003; 2007; Martino, 2009; 2012).

01. TEORIA E METODOLOGIA COMO DISCIPLINAS ACADÊMICAS

U A julgar pelo número de publicações específicas, a preocupação da Área de Comunicação com questões teóricas é consideravelmente maior do que com problemas metodológicos. Enquanto existem ao menos trinta livros intitulados “Teoria(s) da Comunicação”, são poucos os trabalhos sobre Metodologia – livros de Lopes (1999), Santaella (2001), Lago (2008), Silva (2013) e Duarte e Barros (2015), além de artigos de Lopes (2003), Braga (2005; 2011) Toledo (2012) e Machado (2010).

É preciso destacar as contribuições do Processocom – Grupo de Pesquisa em Comunicação, da Unisinos, com uma produção regular de discussões metodológicas nas quais a prática de pesquisa é discutida em vários aspectos, da subjetividade da pesquisadora até os dilemas da

escolha de técnicas (Maldonado, 2006; Maldonado, Bonin e Rosário, 2008; Maldonado, Máximo, Lacerda e Bianchi, 2012; Bonin e Rosário, 2013).

Ampliando o leque para os títulos sobre “Pesquisa em Comunicação”, o número seria ampliado, espalhando-se de Melo (1973) até Braga, Lopes e Martino (2010), discutindo pesquisa em termos de suas possibilidades de produção.

É possível perguntar algumas razões dessa diferença entre o número de trabalhos sobre Teoria(s) da Comunicação e Metodologia de Pesquisa em Comunicação. Relacionar os dois termos pode ajudar a compreender a questão.

Ao que tudo indica, a pluralidade teórica existente na Área de Comunicação não é acompanhada por uma igual diversidade metodológica. Embora exista um número considerável de ideias entendidas como “Teoria da Comunicação”, que Braga (2011) entende como “dispersão”, poucas delas são acompanhadas de uma elaboração metodológica dentro de seus parâmetros. Isso, levado às últimas consequências, permitiria o uso de metodologias de pesquisa que, em seus fundamentos e matrizes, podem contradizer as perspectivas teóricas do trabalho.

Essa ausência de um diálogo mais amplo entre questões teóricas e metodológicas talvez se relacione com uma indefinição epistemológica indicada por vários autores (França, 2001; 2014; L. C. Martino, 2005; L. M. Martino, 2008; 2010): na medida em que não há consenso sobre o que é Comunicação ou qual é o objeto de conhecimento da Área, quais são as possibilidades de desenvolvimento de metodologias específicas? Nesse sentido, talvez não seja uma surpresa a importação, às vezes acrítica, de métodos e técnicas de pesquisa de outras Áreas como indicado, em momentos diferentes, por Bryant e Miron (2004) e Sanchez e Campos (2009).

Dessa maneira, paradoxalmente, a diversidade nas Teorias da Comunicação talvez esteja na origem do pequeno número de discussões sobre Metodologia de Pesquisa em Comunicação.

Na elaboração de projetos de pesquisa, isso se traduz em uma questão prática: como operacionalizar as teorias em estratégias metodológicas. Ou, como o problema geralmente é formulado, “como aplica a teoria?”

A ideia de “aplicar” uma teoria merece ser discutida.

Como, genealogicamente, as Ciências Naturais forneceram alguns dos modelos epistemológicos das Ciências Humanas – a própria noção de “ciências”, aliás, pode ser um indício disso –, a ideia de “aplicar” uma teoria pode estar relacionada a essa ligação com certa concepção de “ciência”. Seria possível, assim, entender a preocupação de pesquisadores em “aplicar” uma teoria para “explicar” o objeto.

Nesse ponto de vista, a ideia de “teorias científicas” no âmbito da Comunicação nem sempre se refere, de fato, à “teorias”, conforme a palavra é definida dentro de algumas perspectivas epistemológicas. Em muitos casos, trabalha-se não com teorias construídas a partir de estudos prévios e testadas empiricamente, mas com metáforas para se pensar a realidade – noções de alta circulação na área, como “Indústria Cultural”, “Agulha Hipodérmica”, “Líquido” e outras falhariam como construção “teórico”. No entanto, isso fixa a noção de “teoria” dentro de uma ordem empírica, à beira do positivismo, que considera “teoria” apenas o conjunto de ideias

que possam ser comprovadas empiricamente. Se isso talvez seja possível no âmbito das Ciências Naturais, nas Ciências Humanas é muito complicado efetivamente “provar” qualquer coisa, como indica Gewandsznajder (2002).

Nas Ciências Humanas, as teorias não são explicativas, mas, sobretudo, interpretativas. Noções como “indústria cultural”, “modernidade líquida”, ou “sociedade de consumo” não podem ser convertidas em operadores metodológicos para “explicar” um fato, mas são elaborações conceituais que auxiliam a interpretar, fenômenos da realidade. Não “aplicar”, menos ainda “explicar”, mas talvez compreender e interpretar (Demo, 1981; Gewandsznajder, 2002).

A ideia de “aplicar” ou “usar” uma teoria pode decorrer também do lugar ocupado pelos conceitos nos trabalhos acadêmicos. Nas monografias, teses e dissertações, há às vezes uma divisão binária quase estanque: de um lado, o(s) capítulo(s) teóricos, de outro, as análises empíricas do objeto. Esse tipo de procedimento, se evidentemente pode gerar e gera resultados de excelência, por outro lado pode igualmente sugerir que existe uma diferença entre “teoria” e “objeto” – ou, ainda, entre “teoria” e “prática” – reforçada pela distribuição das temáticas entre os capítulos.

Observa-se, em em vários trabalhos, um considerável dispêndio de energia na construção dos capítulos teóricos. Mostra-se aí a capacidade de lidar com abstrações, discutindo-se ideias e teorias. O problema é que, em geral, a discussão teórica não costuma ser o destaque de uma pesquisa. Em termos de “capital acadêmico”, um pesquisador iniciante dificilmente será lembrado por ter “usado” uma teoria, mas pela criatividade da abordagem (MARIN, 2006; LACERDA, 2012).

Há, nesse sentido, o desafio de articular a elaboração conceitual dos capítulos iniciais com o objeto empírico – o que, como visto, pode ser feito a partir de um referencial diferente daquele apresentado no início – a título de exemplo, explicações “sociológicas” nos capítulos iniciais seguidas de “análises de discurso” no estudo do. Evidentemente o trânsito de conceitos contribui para a análise dos fenômenos: o que se questiona não é a intersecção entre ideias, mas sua justaposição acrítica.

Nos cursos de graduação e pós-graduação, alunos e pesquisadores discentes são expostos a um conjunto heterogêneo de ideias agrupados sob o nome genérico de “Teoria(s) da Comunicação” – questão que não é de hoje, como sugerem Lins da Silva (1978), Santaella (1982), Epstein (1987), Baptista (2003), Russi-Duarte (2010) ou L. M. Martino (2010; 2015).

A noção de “aplicar” a teoria remete para a questão sobre o que é “teoria” e qual é seu lugar dentro da pesquisa.

Um problema pode ser de ordem semântica, com certa confusão entre as expressões “teoria”, “referencial teórico”, “referências bibliográficas” e “parte teórica”.

Em um projeto ou trabalho de pesquisa, a teoria pode ser entendida como o conhecimento das ideias que estão circulando, no meio acadêmico, a respeito do assunto que se pesquisa; como recordam Bonin (2006), Santos (2006) e Temer (2007), é quando o olhar se volta para o que foi e está sendo pensado na área sobre um assunto ou recorte. Dessa maneira, a “teoria” está, ou poderia estar, ligada de maneira direta ou tangencial aos problema específicos de uma pesquisa.

Não é raro que alunas e alunos, ao chegarem com propostas de pesquisa,

estejam envolvidos – a palavra seria “apaixonados”, em alguns casos – com autores e teorias, e seus projetos buscam “aplicar” ou “usar” essas ideias. Em termos de pesquisa, isso parece significar uma inversão: em vez de se partir de uma inquietação, de um objeto ou de uma problematização, parte-se da teoria ou do conceito, procurando em seguida alguma maneira de “trabalhar” com isso.

A construção da pesquisa, neste caso, não colocaria a teoria como algo à parte, mas como uma referência para o que se está fazendo. Daí a perspectiva de um “referencial teórico” ou “marco teórico de referência”, com ideias, conceitos e pontos de vista responsáveis por orientar o olhar na realização da pesquisa. A teoria, dessa maneira, não seria um depósito de conceitos ou ideias a serem “aplicadas”, mas um conjunto de referências ligadas sobre assunto pesquisado (Bonin, 2006).

Esse tipo de procedimento, presente em várias etapas da pesquisa, permite um diálogo entre o trabalho que está sendo realizado e as produções da Área. É nesse aspecto que, em termos de formação, a pesquisadora ou pesquisador pode compreender as dinâmicas de produção e circulação de conhecimento, vendo na contribuição de cada livro ou artigo um avanço no conhecimento da Área, ao mesmo tempo em que seu foco está voltado para cada problema de trabalho.

Isso se manifesta, em alguns trabalhos, na forma de um grande número de autores citados, mas com pouca apropriação e elaboração de suas ideias – às vezes saltando de um para outro sem maior costura, no intervalo de alguns poucos parágrafos, deixando abertas as possibilidades e potencialidades de um maior diálogo entre autores. Mais do que uma perspectiva “interdisciplinar”, a justaposição parece apontar para a ausência de diálogo entre os referenciais, ao menos na medida em que as noções de “interdisciplinar” e “transdisciplinar” sugerem algo “entre” ou “transversal” entre as disciplinas, o que não parece ocorrer de fato (Locker, 1992; L. C. Martino, 2014).

02. METODOLOGIA COMO DISCIPLINA ACADÊMICA DA COMUNICAÇÃO

Outro problema pode estar na concepção que se faz da disciplina “Metodologia”, um dos espaços acadêmico de criação de Projetos de Pesquisa. A disciplina às vezes é vista, por docentes e discentes, como um curso de formatação de trabalhos, no qual vai se aprender contar espaços antes da margem, decidir entre itálico e negrito em uma referência e, de maneira geral, decorar e aplicar as “regras da ABNT”. Metodologia seria, assim, uma disciplina meramente instrumental, concentrada em aprender, até as raias do paroxismo, os detalhes da formatação de um trabalho (WEBER; MARTIN, 2006; RANCER; DURBIN; LIN, 2013; ROSS, 2014).

A discussão sobre as práticas de pesquisa em Comunicação como parte integrante da sociedade, propondo desafios e respondendo aos questionamentos de seu tempo, como prática realizada por seres humanos em condições específicas, não parece ter muito espaço (Desaulniers, 2000).

Se a pesquisa é uma atividade acadêmica que não pode ser separada de suas condições de produção, que incluem desde as preferências subjetivas de um pesquisador até as situações práticas de obtenção de bolsas de estudo, a discussão das questões metodológicas não poderiam ficar restritas a saber

se será usada uma vírgula ou ponto-e-vírgula na redação das referências bibliográficas.

Evidentemente as questões de formato são fundamentais na comunicação de uma pesquisa. Negligenciá-las seria deixar de lado uma importante contribuição ao diálogo acadêmico, mas é problemático também reduzir o potencial de uma disciplina como Metodologia a esse tipo de aprendizado.

Tanto nos cursos de Graduação quanto de Pós-Graduação essa disciplina é um polo singular de fundamentação da vocação universitária para a pesquisa. É o lugar no qual se aprende a pensar criticamente as atividades de pesquisa, na proposição de reflexões críticas sobre a produção de conhecimento. Na Graduação, é o espaço de formação de futuros pesquisadores, apresentados ao espaço acadêmico do mesmo modo como as matérias práticas vão apresentar os alunos às atividades das habilitações escolhidas.

Metodologia de Pesquisa forma, com Teoria da Comunicação, o núcleo das discussões epistemológicas dentro de um curso de Comunicação. E, assim como os cursos de Teoria da Comunicação podem ser espaços para se pensar os processos comunicacionais, mais do que um enunciado da sucessão cronológica de “escolas” ou “teorias”, os cursos de Metodologia tem a potência de ser um espaço de diálogo entre teorias e a investigação concreta.

No entanto, o fato de ser uma disciplina obrigatória ou básica na Graduação e Pós-Graduação não parece ser o bastante, em termos epistemológicos e institucionais, para situar Metodologia dentro da pesquisa em Comunicação. Um índice disso são as várias diferenças nos nomes atribuídos à disciplina. Em um estudo em desenvolvimento (Martino e Grohmann, 2016), foi possível encontrar, nos programas de ensino analisados, seis nomes diferentes para essa disciplina – “Métodos e Técnicas de Pesquisa”, “Pesquisa em Comunicação”, “Metodologia do Trabalho Científico”, “Metodologia da Pesquisa em Comunicação”, “Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação” e “Metodologia Científica”. Essas diferenças podem talvez ser entendidas como índices do que se entende pela disciplina.

A ideia de “Metodologia” não se confunde, em termos epistemológicos, com as noções de “Métodos” ou “Técnicas”. Enquanto a “Metodologia” poderia ser entendida como a parte da Epistemologia dedicada ao estudo dos caminhos possíveis para elaboração do conhecimento, a perspectiva de falar diretamente em “Métodos” pressupõe a apresentação e discussão desses caminhos – a exposição, por exemplo, do Método Dialético em contraste com o Método Cartesiano ou ao Método Positivista e assim por diante. Por sua vez, a noção de “Técnicas” sugere algo mais próximo da prática da pesquisa, uma vez que entrevistas ou grupos focais podem ser utilizados para a obtenção de dados a ser considerados no âmbito de vários Métodos.

A presença dos qualificativos “em Comunicação” ou “Científico” podem sugerir a vinculação da questão metodológica a discursos anteriores, seja situando a pesquisa dentro de um recorte específico, a Comunicação, ou adjetivando sua prática como pertencente aos domínios da “Ciência”. Esses recortes diversos no que diz respeito aos nomes poderia sugerir uma

pluralidade de aportes no cotidiano da disciplina. No entanto, a julgar pelos programas de ensino, a questão parece se digirir mais para os problemas técnicos de formatação do que propriamente para uma discussão sobre as práticas de pesquisa, as condições do ato de pesquisar e a formação de pesquisadores e pesquisadoras.

03. A VINCULAÇÃO DE UM PROJETO À ÁREA DE COMUNICAÇÃO

Uma questão comum quando se começa a escrever um projeto de pesquisa se refere à vinculação de um estudo à área (Santaella, 2001). O problema é expresso geralmente na pergunta “Meu trabalho é de Comunicação?”, respondido, às vezes, pela definição de um objeto empírico de estudos que indique essa vinculação.

A questão começa, aparentemente, com um problema lógico: indicar se um projeto pertence ou não à Comunicação significa que alguém sabe dizer o que é Comunicação. As discussões a respeito, no entanto, indicam um alto grau de discordância sobre isso – uma enumeração inicial incluiria os trabalhos de França (2001), L. C. Martino (2001; 2005; 2007), Bryant e Miron (2004); L. M. Martino (2008; 2009), Braga (2010),

No primeiro caso, o problema parece ser derivado do tamanho da Área de Comunicação, expresso no número de temáticas, teorias, objetos e recortes possíveis. Em alguns casos, como sugere criticamente Felinto (2007) e Albuquerque (2002), os estudos de “Comunicação” parecem se confundir com a área das Ciências Humanas. Lima (1983) apontava para essa polivalência do profissional de Comunicação que, de alguma maneira, se afina com a pluralidade de pesquisas e objetos presentes na Área: o comunicador, e o comunicólogo, é possível acrescentar, é um “psicólogo”, um “sociólogo”, um “agente social”, um “interventor” que atua em diferentes áreas práticas, com poucos recortes de fronteiras.

Não que o conhecimento, em si, possa ser limitado por fronteiras (Silva, 2000; Jenkins, 2008). Como lembra Ferrara (2014), fronteiras são espaços de contato e passagem, mas que ao mesmo tempo delimitam um “dentro” e um “fora”. Como essa definição não é muito nítida, é possível encontrar pesquisas vinculadas à Área de Comunicação que, de fato, poderiam ser vinculadas a outras Áreas.

Nesse sentido, talvez seja possível ousar a percepção de que parte do que chamamos de pesquisa em Comunicação, de fato, são trabalhos de Sociologia ou Análise de Discurso dos Meios de Comunicação (L. C. Martino, 2005; Felinto, 2007; Signates, 2010). Claro que há certo exagero na afirmação, mas um olhar para as bases epistemológicas do que chamamos “Pesquisa em Comunicação” indica, como menciona Braga (2010; 2011), a “comunicação” como um “epifenômeno” de outros processos sociais que, estes sim, são analisados nos trabalhos – algo assinalado também por Ferreira (2011), Carvalho (2011) e Signates (2012).

No cotidiano da pesquisa, isso pode ser visto na energia e dedicação investida por pesquisadoras e pesquisadores para situar e compreender problemas de outras Áreas nos “capítulos teóricos”, deixando as questões de “comunicação”, às vezes entendida como “mídia”, nos capítulos “de análise” no final dos trabalhos.

Nenhum problema nisso, e não seria possível insinuar nenhum tipo

de avaliação a respeito da qualidade dessas pesquisas. A questão, em termos metodológicos, se refere, primeiro, à possibilidade de uma pesquisadora ou estudante de se familiarizar e dominar um repertório de outra Área do saber, com toda a sua complexidade e especificidade, no tempo de uma pesquisa. Segundo, como situar um problema em termos da Comunicação, não como um “objeto”. Em outras palavras, trata-se do desafio de encontrar uma temática comunicacional e não apenas, em termos empíricos, um objeto midiático.

Uma das soluções possíveis, encontrada nas práticas de pesquisa, é essa opção metodológica pelo estudo da mídia. A perspectiva, epistemologicamente fundamenta em trabalhos de L. C. Martino (2001, 2005), Albuquerque (2002) ou Felinto (2007; 2011), pode ser entendida como a possibilidade de tomar como recorte as potencialidades e limites das mídias em sua materialidade e articulação com outras instâncias da realidade social. Dessa maneira, o recorte de um objeto empírico poderia torna-lo igualmente objeto de conhecimento da Área.

Isso, aliás, pode ser visto em cursos universitários no universo anglo-saxônico, em alguns dos quais há uma diferença entre “Communication Studies” (referindo-se a estudos de comunicação interpessoal, voltados desde a fonoaudiologia até a psicologia) e “Media Studies”, próximo do que se entende com esse nome no Brasil. Em certos casos, “Media and Cultural Studies”, por seu turno, estaria ainda mais perto, por sua abrangência, do que é chamado de “Área de Comunicação” no Brasil. (L. M. Martino, 2014; Felinto, 2011).

Essa perspectiva, de um lado, parece solucionar alguns dos problemas, sobretudo de pesquisadoras e pesquisadores iniciantes: bastaria, nesse ponto, assinalar a presença de um elemento midiático para fazer do estudo uma “pesquisa em Comunicação”.

Mas isso leva a outros questionamentos. França (2014) fala do cuidado em não tomar o objeto empírico pelo objeto de conhecimento, como Ferrara (2014) em relação ao recorte da Área: não é porque um trabalho estuda mídia que ele é, necessariamente, de Comunicação. Além disso, o próprio conceito de “mídia” não é consensual.

Na concepção mais comum, “mídia” significaria os “meios de comunicação”, em geral. A aparente clareza dessa definição esconde um complicador: o que é, de fato, um “meio de comunicação”? Em definição estrita, poderia haver uma equivalência com “meios de comunicação de massa” ou “meios de comunicação digitais”.

O problema é que, paralela a essa noção, circulam na Área de Comunicação perspectivas bem mais amplas, nas quais o nome “mídia” é articulado com questões relacionadas aos corpos, visualidades e sonoridades, como em Baitello (1995) ou Santaella (2004).

Embora uma definição não exclua a outra, essa ambiguidade pode criar problemas na definição dos vínculos de um projeto, sobretudo aqueles próximos da fronteira entre Áreas. Não haveria talvez muitas dúvidas em situar um estudo de telejornalismo, por exemplo, como um “estudo de Comunicação”. No entanto, a pertinência de um estudo sobre sonoridades, expressões de corpo ou vestuário talvez não seja evidente do mesmo modo e, quanto mais afastados de um centro restrito “midiático”, mais complexa pode se mostrar essa vinculação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar um projeto de pesquisa é uma oportunidade de se deparar, de maneira prática, com alguns dos problemas epistemológicos que percorrem a Área de Comunicação. Isso significa também uma reflexão sobre os pressupostos implicados em cada escolha a respeito de tema, objeto, método e referencial teórico.

A bibliografia geral a respeito de metodologia de pesquisa científica, útil para lidar com problemas transversais às atividades de pesquisa em diversas áreas, não leva em consideração, e nem poderia levar, o específico da Comunicação, assunto reservado a poucos trabalhos sobre metodologia.

Ao mesmo tempo, cada pesquisa realizada contribui para o delineamento da Área: as fronteiras do que pode ser conhecido dentro da Comunicação decorre do quanto pesquisas individuais estabelecem e desafiam essas divisões, acenando com possibilidades, despertando novos questionamentos epistemológicos.

Daí a necessidade de pensar o lugar das elaborações teóricas nos projetos de pesquisa: é a partir deles que os contornos da Área, em algumas instâncias, são definidos – a avaliação entre pares, por exemplo, à qual são submetidos alguns desses projetos, válida ou não as propostas a partir de pressupostos epistemológicos presentes na Área.

As dúvidas presentes na criação de um projeto de pesquisa não estão restritas, evidentemente, às etapas iniciais da vida acadêmica. De certo modo, toda investigação coloca sobre a mesa questões referentes à Área que precisam ser balanceadas – não “resolvidas” – para a realização dos trabalhos propostos.

A criação de um projeto, superada a questão formal – “regras” – que geralmente é associada à “Metodologia”, seja como componente de um projeto, seja como disciplina acadêmica, pode auxiliar a compreensão do que significa, de fato, pesquisar a Comunicação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. Os desafios epistemológicos da comunicação mediada por computador. **Revista Fronteiras**. Vol. IV, n.2, Dezembro 2002.

BAPTISTA, M. L. C. Disciplinas Teóricas: de entulho de currículo a campo do desejo e autopoiesis. Trabalho apresentado no XXVI Congresso Anual da Intercom. Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

BONIN, J. A. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, M. N. **Perspectivas metodológicas em Comunicação**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2008.

BONIN, J. A. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. *Revista Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 61-68, jul./dez. 2005.

BRAGA, J. L. Dispositivos Interacionais. Texto apresentado no XX

Encontro da Compós. Porto Alegre: UFRGS, Junho 2011.

BRAGA, J. L. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, vol. 10, no. 03, set-dez 2005.

BRAGA, J. L.; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. **Pesquisa Empírica em Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. *E-Compós*, Brasília, v14, n1, jan.-abr. 2011b.

BRYANT, J. e MIRON, D. Theory and Research in Mass Communication. **Journal of Communication**. December 2004/Vol. 54 no. 4.

CARVALHO, C. A. Pela adoção da perspectiva de pertinência nas pesquisas em Comunicação. Texto apresentado no 22o. Encontro da Compós. Juiz de Fora, 3 a 6 de junho de 2012.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.) **Métodos de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

EPSTEIN, I. Um impasse curricular: Teoria da Comunicação. IN: MELO, J. M. Ensino de Comunicação no Brasil: impasses e desafios. São Paulo: Eca/Usp, 1987.

FELINTO, E. Da Teoria da Comunicação às teorias da mídia. Texto apresentado no XX Encontro da Compós. Porto Alegre: UFRGS, Junho 2011.

FELINTO, E. Patologias no sistema da comunicação: ou o que fazer quando seu objeto desaparece. In: FERREIRA, G. e MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação**. Salvador, Ed. UFBA, 2007.

FERRARA, L. D'A. A comunicação: da epistemologia ao empírico. Trabalho apresentado no 23o. Encontro da Compós. Belém, maio de 2014.

FERRARA, L. D'A. A epistemologia de uma comunicação indecisa. Trabalho apresentado no 22o. Encontro da Compós. Salvador, junho 2013.

FERREIRA, J. Proposições que circulam sobre a Epistemologia da Comunicação. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 20., 2011. Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, jun 2012. pp. 1-17.

FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V., PAIVA, R. e WEBER, M. H. (orgs.) **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: Revisitando um texto. Palestra proferida no IV Seminário Teorias da Comunicação. Belo Horizonte, 21 a 25 de setembro, 2014.

FRANÇA, V. R. V.; ALDÉ, A.; RAMOS, M. **Teorias da Comunicação no**

Brasil. S. Salvador: Ed. UFBA, 2014.

GEWANDSZNAJDER, F. As ciências sociais são ciências? In: ALVES-MAZZOTTI, A. J; _____. **O método das ciências naturais e sociais.** São Paulo: Pioneira, 2002.

LACERDA, J. S. et alli. A pesquisa da pesquisa em processos de IC e TCC para a formação de novos pesquisadores. In: MALDONADO, A. E. et alli. **Epistemologia, investigação e formação científica em Comunicação.** Natal: Ed. UFRN, 2012.

LAGO, C. **Métodos de Pesquisa em Jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, V. Repensando as Teorias da Comunicação. In: MELO, J. M. (org.) **Teoria e Pesquisa em Comunicação.** São Paulo, Intercom/Cortez, 1983.

LINS DA SILVA, C. E. Teoria da Comunicação. In. MELO, J. M. et alli. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação.** São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

LOCKER, K. The Challenge of Interdisciplinary Research. **Journal of Business Communication.** No. 31, Vol. 2, 1994.

LOPES, M. I. V. A pesquisa e o ensino nas escolas de Comunicação. In: PERUZZO, C. M. K.; SILVA, R. B. **Retrato do Ensino em Comunicação no Brasil.** São Paulo: Intercom/Unitau, 2003.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999.

MALDONADO, A. E. et alli. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARIN, E. C. O ofício da pesquisa: processos do fazer. In: MALDONADO, A. E. et alli. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTIN ALGARRA, M. La comunicación como objeto de estudio de la teoría de la comunicación. *Anàlisi*, 38, 2009, pp. 151-172.

MARTINO, L. C. Elementos para uma epistemologia da Comunicação. In: VVAA. **Campo da Comunicação.** João Pessoa, Editora da UFPB, 2001.

MARTINO, L. C. Ceticismo e inteligibilidade do campo comunicacional. *Galáxia*, no. 5, vol. 1, Abril de 2003, pp. 53-67.

MARTINO, L. C. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: CAPPARELLI, S. et alli. **A Comunicação Revisitada.** Porto Alegre, Sulina, 2005.

MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia (SP) Ateliê Editorial, 2007, p. 14.

MARTINO, L. C. Significado da Teoria em um Campo diversificado.

Trabalho apresentado no IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010.

MARTINO, L. M. S. Descontinuidades epistemológicas na Teoria da Comunicação: um estudo das taxonomias entre 1969 e 2011. **Logos**, v.22, p.105 - 120, 2015.

MARTINO, L. M. S. O que foi Teoria da Comunicação? Um estudo da bibliografia 1964-1986. XXXIII Congresso da Intercom. Caxias do Sul, 2 a 6 de setembro de 2010.

MARTINO, L. M. S.; GROHMANN, R. N. Para além da ABNT: um estudo de 30 programas universitários de Metodologia. São Paulo: Cásper Líbero, 2016 (Mimeo.)

MARTINO, L. M. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MELO, J. M. **Comunicação Social: Teoria e Pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RANCER, A. S.; DURBIN, J. M.; LIN, Y. Teaching Communication Research Methods: Student Perceptions of Topic Difficulty, Topic Understanding, and Their Relationship with Math Anxiety **Communication Research Reports** Vol. 30, No. 3, July–September 2013, pp. 242–251

ROSS, D. G. Defining ‘research’: undergraduate perceptions of research in a technical communication classroom. **Journal of Technical Writing and Communication**. Vol. 44 (1), 61-99, 2014.

RUSSI-DUARTE, P. Por que ensinar teorias (da comunicação)? Trabalho apresentado no GT Teorias da Comunicação durante o XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UCS – 6 a 9 de setembro de 2010.

SÁNCHEZ, L. e CAMPOS, M. La Teoría de la comunicación: diversidad teórica y fundamentación epistemológica. **Dialogos de la Comunicación**. No. 78, Janeiro-Julio 2009, pp. 24-38.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001.

SANTAELLA, L. Teoria da Comunicação: considerações para o ensino. **Boletim Intercom**. no. 38, Ano 5, julho-agosto 1982, pp. 24-28.

SANTOS, T. C. Teoria da Comunicação e suas interconexões com o corpo e com a cultura. **Comunicação Midiática** no.6, 2006.

SIGNATES, L. Da exogenia aos dispositivos. Trabalho apresentado no XXI Encontro da Compós. Juiz de Fora, Junho de 2012.

SIGNATES, L. Epistemologia e Comunicabilidade. **Comunicação e Informação**. Vol. 15, no. 02, pp. 133-148, Jul-Dez 2012.

SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos

brasileiros de comunicação na atualidade. In: BRAGA, J. L.; GOMES, P. G.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A. **10 perguntas para produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

SILVA, J. M. **O que pesquisar quer dizer**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

TEMER, A. C. Teorizar é pensar a prática: uma reflexão sobre o ensino das Teorias da Comunicação nos Cursos de Jornalismo. Texto apresentado no 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – Goiânia-GO – 27 a 30 de abril de 2007.

VELLOZO, S. **Teoria da Comunicação Coletiva**. Rio de Janeiro: O Globo, 1969.

WEBER, K.; MARTIN, M. M. Pedagogy in Practice: Linking the Graduate Research Methods Course with Communication Theory. **Communication Research Reports**, Vol. 23, No. 1, January 2006, pp. 63–67.